

ARTE E AUTOCONHECIMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO PIBID - ARTES VISUAIS / UFPEL

**TIAGO FACIO¹; DANIELA OLIVEIRA²; PALOMA NOGUEIRA³; TAIS BOHLKE
RUTZ TAVARES⁴;**

LISLAINE SIRSI CANSI⁵:

¹*Universidade Federal de Pelotas – tiagofaciooliveira@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – danielasoliv3@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – paloma.noggomes@gmail.com*

⁴*Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles – ninasls@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – lislaine.cansi@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A experiência aqui relatada ocorreu com um grupo do segundo núcleo do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) Artes Visuais da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), uma iniciativa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O programa fomenta a iniciação à docência, construindo uma ponte entre educação superior e educação básica e colaborando para uma formação de qualidade de futuros profissionais da educação, que participam ativamente do cotidiano de escolas públicas de educação básica. Este é um texto escrito por um dos grupos de bolsistas que frequenta a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, localizada no bairro Areal, em Pelotas-RS. O grupo em questão é composto por Paloma Nogueira, Daniela Silveira Oliveira, Tiago Facio e Ana Elisa Leivas, e atua em três turmas: A6B, A6C e Pré 1, colaborando com a professora de arte da escola, Tais Rutz Tavares.

Durante o acompanhamento semanal na escola, nosso grupo percebeu que parte dos alunos das turmas de sexto ano do ensino fundamental não possuía um caderno para a aula de arte, e que as folhas avulsas utilizadas nas atividades propostas por vezes se perdiam, ou apenas não eram expostas ou acessadas novamente. Com isso em mente, o grupo se dispôs a montar cadernos, com capas em branco, miolo em folhas diversas e uma amarração de tecido simples que pode ser desfeita e refeita para o acréscimo de folhas. Estes cadernos catalogaram as produções dos alunos dali em frente.

Ao mesmo tempo, como forma de identificação para nossa organização e autoidentificação dos alunos, propusemos que cada um elaborasse uma produção imagética, individual e identitária na capa de seu caderno. Levamos às turmas referências de autorretratos e conversamos a respeito de como cada artista apresentado traduzia e refletia de alguma forma seu exterior e interior nas obras, propondo que fizessem o mesmo exercício. Para refletir, utilizamos as vozes de Daniel Bruno Momoli e Roselene Maria Rauen (2015), e Ana Valéria Araújo Ribeiro Brissot (2012). A proposta teve como resultado a construção de autorretratos em um conceito amplo e poético, o que provocou reflexões nos alunos a respeito de si mesmos e proporcionou o reconhecimento de suas potencialidades criativas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram realizadas ao longo de dois encontros semanais, de forma colaborativa entre os pibidianos e a professora regente, com as duas turmas de 6º ano da EMEF Cecília Meireles.

Antes de descrever a proposta desenvolvida, consideramos importante comentar como identificamos a necessidade de colocá-la em prática. Após o período inicial de observação, demos continuidade às atividades conforme o planejamento alinhado com a professora supervisora. Ao decorrer dos encontros e o fortalecimento do vínculo com os alunos, percebemos que muitos não possuíam materiais básicos, como cadernos ou pastas, para organizar os conteúdos da disciplina. Mesmo entre aqueles que tinham, era comum não levarem para as aulas, o que dificultava a continuidade das propostas e a preservação dos registros de forma organizada.

Essa constatação nos levou a pensar em como poderíamos trabalhar essa questão de maneira significativa. Ao mesmo tempo, observamos que parte dos estudantes demonstrava dificuldade em reconhecer aspectos da própria cultura e em valorizar a diversidade presente na turma, composta por diferentes contextos sociais, étnico-raciais e religiosos. Em muitos casos, esses temas não eram abordados com profundidade no cotidiano escolar ou familiar, o que tornava ainda mais necessário criar um espaço de diálogo e reflexão.

Também percebemos que essa ausência de reconhecimento de si e da importância da própria história refletia na forma como os alunos se relacionavam com as propostas artísticas. Muitos verbalizaram um não saber desenhar ou diziam que seus desenhos eram “feios”, o que demonstrava insegurança e medo do julgamento. Buscamos constantemente reforçar que não existem desenhos feios ou bonitos, mas diferentes linguagens de expressão, e que cada produção carrega em si uma forma legítima de comunicação visual.

Para RAUEN; MOMOLI (2015), o autorretrato permite materializar subjetividades e se torna um processo expressivo de pensar, interpretar e transmitir o próprio “eu” por meio da arte. Reconhecemos nessa ferramenta uma possibilidade potente para trabalhar questões identitárias, especialmente nesse momento da vida escolar em que os alunos vivenciam a transição da infância para a adolescência. A partir dessas percepções, unimos duas necessidades: a construção de um material didático personalizado e a abordagem do autorretrato como forma de autoconhecimento, o que deu origem à proposta que desenvolvemos.

No primeiro encontro com os alunos, iniciamos a aula com uma conversa sobre autorretratos, questionando-os a partir do seu conhecimento prévio. Em seguida, apresentamos duas obras que ilustram diferentes formas de autorrepresentação: “Autorretrato” (Van Gogh, 1889) e “Autorretrato mole com bacon frito” (Salvador Dalí, 1941). As referências imagéticas foram expostas com o objetivo de mostrar que a individualidade é um aspecto central na produção artística e que não existe um modelo único de representação, além de ampliar o repertório cultural da turma. Ainda nesse momento, compartilhamos dois autorretratos (imagem 1 e imagem 2).

Imagens 1 e 2 – fotografias dos autorretratos dos bolsistas



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Estes foram produzidos por nós, bolsistas, buscando provocar reflexões sobre outras maneiras, não tradicionais, de construir-se uma imagem de si.

Na arte contemporânea, amplia-se o conceito de autorretrato – um retrato feito pelo indivíduo de si próprio – para a imagem do corpo do artista na sua criação, que pode ser realizada com diversos procedimentos e assumir diferentes formas. Algumas vezes, o autorretrato pode mesmo ser realizado por um terceiro a pedido do artista, constituindo-se no olhar do outro, filtrado ou apropriado pelo artista. Outras vezes, a autoimagem não possui nem mesmo a presença do artista, mas se conecta ao eu (BRISSOT, 2014, p. 39).

A partir dessas discussões, propusemos que cada estudante intivesse na capa de seu caderno, que distribuímos vazios, apenas com a estrutura padronizada e a capa em branco. Eles deveriam apropriar-se do suporte ao representar elementos visuais que expressassem aspectos de sua identidade, sem que retratassem seu rosto, considerando aquilo que os tornavam eles naquele momento e também que eles poderiam vir a alterar a capa ao longo das aulas de arte, pensando que

A ação de se autorretratar é suscetível de novas versões, não podemos falar de um ser inteiro, completo, acabado. A própria vida é uma série de identificações e será por meio delas que o sujeito se constituirá, construindo assim sua identidade (RAUEN; MOMOLI, 2015).

Os aplicadores disponibilizados foram diversos, como lápis, canetas, marcadores, giz de cera, além de materiais para colagem como revistas para recorte, fios de lã, glitter e lantejoulas. A proposta visava a experimentação dos materiais ligada à expressividade presente na construção de um espaço simbólico para o reconhecimento de si, amparada nos códigos da BNCC (EF69AR05) e (EF69AR06), dos objetos de conhecimento Materialidades e Processos de Criação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício do autorretrato, em sua forma expandida e subjetiva, permitiu que os alunos refletissem sobre si mesmos, ultrapassando modelos normativos de representação e se reconhecendo como sujeitos criativos e diversos. A proposta desdobrou-se em resultados concretos e simbólicos ao contribuir para a organização do material de apoio, através da personalização das capas dos cadernos, e ao possibilitar aos estudantes um espaço de autoria e pertencimento, promovendo o reconhecimento de suas identidades e a valorização da diversidade presente no ambiente escolar.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência contribuiu para o fortalecimento do vínculo dos alunos com a disciplina e com o fazer artístico, ao propiciar um ambiente acolhedor e sensível à expressão, à escuta e ao diálogo. A turma apresenta ainda grande cuidado com seus cadernos, o que demonstra a valorização de suas produções. Posteriormente à finalização da proposta, os alunos continuaram, periodicamente, a adicionar recursos visuais às capas dos cadernos, o que demonstra a potencialidade da proposta e reforça que o retrato de um ser “inacabado” também corresponde a uma ação interminável.

Entre os desafios enfrentados, destacamos a necessidade de adaptar o tempo de realização da atividade ao tempo dos alunos. Além disso, também nos deparamos com resistências relacionadas à baixa autoestima e ao receio do julgamento no que tange ao fazer artístico, o que exigiu de nós uma postura empática e o reforço contínuo da ideia de que toda forma de expressão é válida.

A experiência permitiu a nós, bolsistas e docentes em formação, entender que, em contextos marcados pela pluralidade e pela diversidade como o da escola em que atuamos, é fundamental ao ensino da arte oferecer propostas que afirmam e valorizam a individualidade dos estudantes, adquirindo caráter essencial para a construção do “eu” e de um ambiente de acolhimento.

Como possibilidade de aprofundamento, seria pertinente investigar como práticas artísticas voltadas à construção de identidade podem contribuir para o fortalecimento da autoestima, da autonomia e da convivência harmoniosa entre os estudantes - especialmente em momentos de transição escolar e emocional, como a passagem da infância à adolescência.

Acreditamos na importância de ações sensíveis, que olham com atenção para o cotidiano e apostam na potência criadora de cada sujeito em formação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAUEN, R. M.; MOMOLI, D. B. **Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade.** Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51–73, 2015. DOI: 10.5965/19843178112015051. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BRISSOT, A. V. A. R. **Imagens de si: processos poéticos entre o corpo do artista e sua própria imagem na mediação tecnológica.** Tipo de documento: tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Salvador, v.1, n. 1, p. 1-241, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16710>. Acesso em: 04 ago. 2025

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Acesso em: 05 ago 2025.